

# diálogos



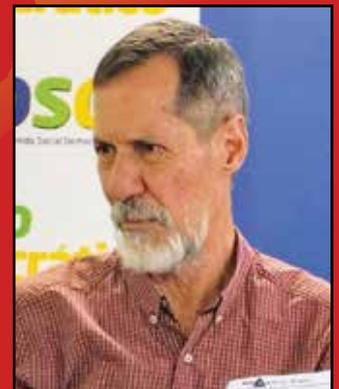
## no espaço democrático

# O MOVIMENTO AMBIENTALISTA E O COMBATE AO AQUECIMENTO GLOBAL

Conversa com

**EDUARDO JORGE**

Ambientalista, ex-secretário municipal do Verde e Meio Ambiente de São Paulo, consultor do Espaço Democrático





**diálogos no espaço democrático** são publicações do Espaço Democrático, a fundação para estudos e formação política do PSD

## O PENSAMENTO AMBIENTALISTA

2024 deve entrar para os registros da ciência climatológica como o ano mais quente da história. Significa que a temperatura média máxima prevista apenas para 2050 pode ser batida 20 anos antes, em 2030. “Só existe uma saída: o aquecimento global é uma realidade e a humanidade tem que acelerar o processo de transição energética”, defendeu o médico sanitariano e ambientalista **Eduardo Jorge**, que fez em novembro de 2024 exposição sobre o tema na reunião semanal do grupo de consultores e colaboradores do Espaço Democrático - a fundação para estudos e formação política do PSD4.

Ex-secretário municipal do Verde e do Meio Ambiente em São Paulo na gestão de **Gilberto Kassab** (2006 a 2012), candidato à presidência da República em 2014 e candidato a vice de Marina Silva na disputa de 2018, Eduardo fez uma longa reflexão sobre a política ambiental entre os séculos 18 e 20 para concluir que “todas as alternativas têm impacto climático, mas é indiscutível que o petróleo e o carvão são as piores delas”. Para ele, a questão do aquecimento só se resolve com governança global. “Não é mais uma questão de um país ou outro, tem que ser todos juntos”.

No final da palestra, a reunião teve um curto debate com o economista **Luiz Alberto Machado** e os cientistas políticos **Rogério Schmitt e Rubens Figueiredo**.

Este caderno traz a íntegra daquele diálogo no Espaço Democrático. Boa leitura.

Além do palestrante Eduardo Jorge, participaram da reunião os cientistas políticos Rogério Schmitt, Rubens Figueiredo e Tulio Kahn, os economistas Luiz Alberto Machado e Roberto Macedo, o superintendente da fundação João Aprá, o advogado Roberto Ordine, os jornalistas Eduardo Mattos e Sérgio Rondino, e a senadora suplente Ivani Boscolo.



**Eduardo Jorge** - O movimento ambientalista moderno, do ponto de vista ideológico e político, é uma novidade, embora seja difícil de classificar ideologicamente. Então, vou dividir minha fala em quatro partes.

A primeira delas, bem breve, é que o planeta Terra tem 4,5 bilhões de anos, ou seja, tem uma história - até a atmosfera da Terra tem uma história, a atual não é a primeira, nem a segunda, na verdade é quase uma terceira. E essa terceira atmosfera começou a ser formada quando aconteceu uma coisa que parece ser milagrosa: por algum motivo, apareceu a vida, 3,5 bilhões de anos atrás. E essa vida evoluiu, esses organismos arrumaram um jeito de guardar a energia solar. É a tal da fotossíntese.

Já é uma coisa milagrosa a Terra estar situada naquele exato ponto onde é possível ter uma atmosfera desse tipo. Porque os vizinhos nossos, Marte e Vênus, têm pequenas atmosferas, quase nenhuma,

e elas se dispersaram. A nossa está num ponto milagroso, o que dá base para especulações metafísicas, vamos dizer assim: por quê, num universo tão gigantesco, estaria naquele ponto aquele pequeníssimo planeta insignificante, com tantas prerrogativas?

E uma outra questão que considero milagrosa é como aqueles pequenos seres conseguiram captar energia solar e, com isso, prorrogar suas vidas. Passaram a acumular com a fotossíntese. E, como subproduto, começaram a liberar oxigênio na atmosfera. E mudaram a atmosfera ao longo de bilhões de anos. Mudaram a composição da atmosfera, dando a ela um volume de oxigênio bem maior do que havia, o que é muito mais amigável à vida como um todo.

Então, à medida em que chegou ao nível da atmosfera que a gente tem hoje - a produção de nitrogênio e oxigênio - a diversidade de vida no planeta Terra expandiu-se de uma forma espantosa. E a nossa espécie, a espécie dominante atual, surgiu há cerca de 300 mil anos. Se você considerar os 4,5 bilhões de anos da Terra, é nada.

Eu assisti a um documentário sobre a história da Terra que mostrou que a gente chegou faltando alguns segundos para o ano novo. Então, é uma forma muito filosófica de contextualizar. A gente chegou praticamente no final do ano. E, na transição para o Holoceno, que é a atual fase geológica, que foi há quase 12 mil anos, 11,7 mil anos atrás, entramos nessa era agradabilíssima que vivemos atualmente. E permitiu que o homem, que estava lá lutando contra as feras, matando mamutes, se escondendo nas cavernas, começasse a dominar a agricultura e a domesticação.

Então, isso começou há cerca de 12 mil anos atrás, quando o homem inventou a agricultura. E da agricultura inventou tudo. Uma coisa estupenda. A cultura, os impérios, a literatura, Shakespeare... tudo saiu dessa capacidade do homem de criar

a agricultura e, em seguida, domesticar alguns animais. 12 mil anos atrás somente, uma fração de tempo. Então, essa é a primeira observação que eu faço.

Agora, faço um corte e vou até meados do século 18, começo do século 19, já em plena era da industrialização, época orientada pelo Iluminismo, pela importância da ciência, do desenvolvimento etc.

Quero fazer um parêntesis, voltando ao primeiro capítulo, porque aconteceu no primeiro capítulo o que eu chamo de início da globalização. Porque o homem saiu das savanas e dos platôs da Etiópia, provavelmente desceu o rio de alguma forma, que era exuberantemente ornado de palmeiras, de animais de todo tipo, e dali tombou para a Ásia e para a Europa. Então, a globalização, na verdade, começou com essa saída da Etiópia, do Quênia, pelos parentes nossos, e aí eles começaram a globalização que continua até hoje.

Mas, voltando ao ponto 2, no final do século 18, começo do 19, nós vivíamos essa explosão de energia criativa orientada pela Renascença, pelo Iluminismo, pelo emergir do prestígio da ciência, que começou a contestar todas as metafísicas, desde a mais antiga da Índia até a de Abraão, dos filhos de Abraão etc., e tínhamos um desenvolvimento aceleradíssimo. E a autoconfiança, principalmente dos europeus, que estavam na frente nesse processo, era uma coisa absurda. O racionalismo tomou conta dessas elites.

Nesse meio tempo, alguns intelectuais, literatos, músicos, acharam que o racionalismo, o materialismo, eram excessivos e reagiram com um movimento chamado de Romantismo. Eram os românticos - na literatura, na música. E diziam o seguinte: nós até acreditamos no empirismo, mas ele não pode ser absoluto. Existe sensação, existe emoção, existe natureza. Eu quero seguir o ritmo de estudos, do empirismo, mas não quero deixar



QUERO FAZER UM PARÊNTESES, VOLTANDO AO PRIMEIRO CAPÍTULO, PORQUE ACONTECEU NO PRIMEIRO CAPÍTULO O QUE EU CHAMO DE INÍCIO DA GLOBALIZAÇÃO. PORQUE O HOMEM SAIU DAS SAVANAS E DOS PLATÔS DA ETIÓPIA, PROVAVELMENTE DESCEU O RIO DE ALGUMA FORMA, QUE ERA EXUBERANTEMENTE ORNADO DE PALMEIRAS, DE ANIMAIS DE TODO TIPO, E DALI TOMBOU PARA A ÁSIA E PARA A EUROPA. ENTÃO, A GLOBALIZAÇÃO, NA VERDADE, COMEÇOU COM ESSA SAÍDA DA ETIÓPIA, DO QUÊNIA, PELOS PARENTES NOSSOS, E AÍ ELES COMEÇARAM A GLOBALIZAÇÃO QUE CONTINUA ATÉ HOJE.

de ter emoção, não quero deixar de admirar e respeitar a natureza. Então, isso é o Romantismo. O movimento romântico tem esse caráter. Havia um componente de individualismo também, mas tinha um componente forte de valorizar o passado, inclusive o oriental... eles se interessaram pelas religiões da Índia, do Japão, da China, valorizaram Cristianismo, valores cristãos que o racionalismo, tendendo ao ateísmo e ao materialismo, estava desmerecendo, encurralando o Vaticano - inclusive na Europa os românticos valorizavam o cristianismo, o individualismo e até as várias mitologias, inclusive as mitologias nórdicas. E valorizavam a natureza.

Aliás, eles quase que adoravam a natureza. Na literatura há várias pessoas que podemos destacar; há naturalistas famosos, mas eu destacaria o

(*Johann Wolfgang von*) **Goethe**, uma das maiores figuras da intelectualidade alemã. A Alemanha é muito boa de engenheiros, jogadores de futebol, músicos e também de gente malvada, às vezes. São bons, mas quando são maus, são maus. Então, Goethe era uma figura extraordinária, que orientou muito esse movimento romântico alemão, com influência mundial.

Eram grandes discípulos deles os irmãos Humboldt, **Alexander** e **Wilhelm von Humboldt**, filhos da nobreza alemã. Alexander era aventureiro e romântico a ponto de se meter aqui na América do Sul, batendo perna, e quase morreu. Ele era amigo do **Simón Bolívar** (*considerado libertador de vários países da América do Sul colonizados pela Espanha*). Começou andando na Venezuela

e veio até aqui a fronteira com o Brasil, chegou perto de Roraima. De lá cruzou a atual Colômbia e foi bater no Equador. Quase morreu várias vezes. Alexander von Humboldt é considerado o príncipe dos naturalistas, um homem extraordinário. E ele seguia essa orientação do Goethe. Era ao mesmo tempo um cientista, um naturalista, um biólogo, um meteorologista, um mineralogista... Naquela época, ele era um enciclopedista e adorava a natureza. Ele sentia os morros. Então, isso é o romantismo, uma espécie de ecologia. Os românticos eram os ecologistas da época. Aliás, o termo ecologia surgiu naquela época também.

Esta é a primeira fonte que eu acho que a gente tem que ter noção, fonte recente. Os românticos, Goethe e Alexander von Humboldt, são uma espécie de raiz desse movimento atual. Os românticos da música são gigantes: (**Ludwig van**) **Beethoven** foi um iniciador do romantismo, depois vieram (**Franz**) **Schubert**, (**Robert**) **Schumann**, (**Johannes**) **Brahms**, (**Richard**) **Wagner**... o próprio (**Charles**) **Darwin** teve influência deles, se correspondia com eles. Era muito jovem, mas tinha correspondência com esses alemães.

Ainda nesse período, no final do século 18, começo do 19, o (**Mahatma**) **Gandhi**, por exemplo, que morava na Inglaterra, tinha três grandes influências: (**John**) **Ruskin**, na própria Inglaterra, e o **Henry Thoreau**, que escreveu *A desobediência civil*, nos Estados Unidos. Ele bebeu muito desse coquetel, tanto que era, de certa forma, um crítico do desenvolvimentismo - à maneira indiana, claro - já no começo do século 20.

Então, essas ideias já vinham fermentando em paralelo ao desenvolvimentismo, ao iluminismo, ao desenvolvimento da ciência, que foi uma coisa extraordinária para a humanidade. A gente tinha a expectativa de vida, na época de Cristo, de 33 anos. Ele morreu com 33, morreu na média. Em Roma, com todo o desenvolvimento de Roma,

a expectativa de vida era de 33 anos também. Não era só porque os judeus eram pobres, os camponeses eram pobres e o território altamente hostil. Mil anos depois, no ano 1000, quando se pensava que o mundo ia acabar, que Cristo ia voltar, a expectativa de vida era de 33 anos. Em mil anos a gente não avançou sequer um ano em expectativa de vida.

E aí, no início da Revolução Industrial, a expectativa de vida chegou a 40 e poucos anos. E nesses 200 anos, vamos dizer 300 anos, de Revolução Industrial, de cientificismo, desenvolvimento a qualquer custo, bruto, etc., etc., etc., a gente está chegando a 80. O Japão já chegou em 80.

Então, vejam que houve uma consequência inegavelmente positiva para a humanidade. Para não dizer que a gente não aceita, não reconhece o que foram esses 300 anos de desenvolvimento, de cientificismo, de racionalismo, etc. em termos de desenvolvimento da qualidade de vida da nossa espécie.

E agora eu passo para o terceiro capítulo, que é já no final do século 19 e começo do século 20. Na primeira metade desse século que não acabava nunca, que foi o século 20, esse século da guerra também. Além do desenvolvimento, a qualquer custo, foi o século da guerra - as duas guerras mundiais mataram mais do que todos os outros gerais, imperadores, conquistadores etc. em 2.000, 3.000, 4.000 anos.

Na primeira metade do século 20 destaque como importante, nessa questão do pensamento ambientalista, a criação dos primeiros parques nacionais de proteção da natureza nos Estados Unidos. Existiam parques, por exemplo, na Inglaterra, muitas áreas privadas protegidas, mas entravam nessas áreas apenas as pessoas que o proprietário deixava. Esse conceito do parque público, e principalmente do parque nacional de área conservada, foi inventado pelos americanos.

Vou contar uma pequena passagem. Em 1872 foi criado o Parque de Yellowstone, no Estado de Montana. Era uma área belíssima, com *geisers*, montanhas, rios, uma coisa extraordinária. Uma área que ia a leilão público em 1871, para ser vendida e explorada pelo comprador - como era feito no Oeste americano. Yellowstone foi o primeiro parque americano. O leilão foi anulado por sugestão de algum sujeito muito previdente e o presidente **Ulysses Grant**, general que venceu a guerra civil, amigo de **Abraham Lincoln**, criou o primeiro parque no mundo com esse intuito, de preservar o recurso natural, a paisagem, a diversidade, tanto biológica como mineral, os recursos de água.

E quem ele mandou tomar conta do parque? O Exército, claro. O Exército, que era uma das poucas instituições respeitadas - eu acho até que no faroeste. Mandou o Exército porque os invasores eram muitos. Em 1864, portanto antes do Yellowstone, havia sido criado pelo Abraham Lincoln o parque estadual de Yosemite, que fica na Califórnia. Lincoln criou como parque estadual, mas em 1890 virou parque nacional. Portanto, na hierarquia dos nacionais, ele é o segundo, mas foi o primeiro parque criado nos Estados Unidos.

Uma coisa interessante é que os pioneiros americanos eram selvagens, tinham esse espírito empreendedor, mas, no entanto, não deixaram ter esse espírito romântico. Porque isso é uma espécie de regulação ao desenvolvimentismo a qualquer custo. Esse empreendedorismo que classifica a vida americana tinha também o contraponto romântico de algumas lideranças.

Em 1890, mesmo ano em que foi criado o Yosemite como parque nacional, também foi criado o Parque das Sequoias, que é relativamente perto, na Califórnia. Quem já viu uma sequoia? São árvores que alcançam 80 metros de altura e têm 500, 600, 700 anos de vida. Elas foram massacradas pela indústria madeireira da Califórnia. Em 1906,

**Theodore Roosevelt** aprovou uma lei que orientava como deveriam ser criados os parques nacionais. E olhem que Roosevelt era um aficionado da caça, da caça bruta, safari, etc.. Ele teve o primeiro mandato, o segundo mandato, e queria o terceiro. E aí, como não podia, ficou desgostoso. Veio aqui para o Brasil.

Então, foi Roosevelt quem criou a legislação nacional, em 1906. E ele andou muito lá na Califórnia, pelo Yosemite e pelo Parque das Sequoias, acompanhado de um sujeito chamado **John Muir**, um escritor, meio biólogo amador, meio hippie, que andava pela Califórnia. Ele ciceroneava o Theodore Roosevelt em todas as subidas e descidas daquelas montanhas maravilhosas, daquelas paisagens maravilhosas. E foi ele quem influenciou Theodore Roosevelt. Lá no Yosemite, num daqueles desfiladeiros, tem uma estátua do Muir. Ele era muito rico, mas cuidou de casar com uma mulher também muito rica, que financiava todas as aventuras dele. E é muito importante citar o Muir porque ele criou, também, talvez a primeira ONG ambientalista, que é a Sierra Club - se não foi a primeira, foi a segunda. A Sierra Club existe até hoje.

Em 1916, o presidente americano **Woodrow Wilson** criou o Serviço Nacional de Parques Americanos, que existe até hoje e cuida de cerca de 26% a 27% do território americano. Então, os Estados Unidos têm 27% do seu território sob controle do National Service Park. Tem 27 mil trabalhadores. Só para ter uma comparação, o nosso tem 3 mil. Então, o serviço americano, criado em 1916, o National Service Park, tem 27 mil. E é autossustentável porque tem um serviço de visitação, de turismo, de conservação, que rende o suficiente para se manter.

O Brasil não soube até hoje encaixar essa extensão de proteção. Quando faz um parque na Amazônia, é um parque do tamanho de Alagoas, um parque do tamanho de Sergipe. Barcelos (no Amazonas),



que é um município próximo de São Gabriel da Cachoeira, é quase do tamanho de Sergipe. São áreas gigantescas e geralmente na Amazônia, onde o controle, o real cuidado, é muito duvidoso.

Mas eu quero mostrar que tipo de raízes o movimento ambientalista tem no mundo. É uma coisa extraordinária o que aconteceu nos Estados Unidos.

Na primeira metade do século 20, o totalitarismo de esquerda comunista e o totalitarismo de direita nazifascista contestavam a viabilidade econômica e social do liberalismo das democracias ditas liberais. E a Segunda Guerra Mundial, com a derrota do nazifascismo, obstruiu pelo menos um deles. Deixou a União Soviética com grande prestígio. E

o que aconteceu? Alguns fenômenos importantes.

O primeiro foi a expansão da democracia. E coisa muito importante: a democracia pós-Segunda Guerra Mundial curou a democracia liberal de países como a Inglaterra, que eram democracia em Londres e ditadura na Índia. Veio o movimento de descolonização. França, Inglaterra, Holanda, Espanha, Portugal... perderam suas colônias com esse impulso democratizante da Segunda Guerra Mundial. O movimento de descolonização começou com a Índia, que era a joia da coroa. Quando a Índia caiu, todos os outros entraram na fila para cair. A descolonização foi, certa forma, a cura da democracia liberal nos países que eram imperialistas.

Segundo ponto importante: o reconhecimento e a

criação da ONU (*Organização das Nações Unidas*). E, na ONU, o estabelecimento da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Hoje, todo mundo acha que a questão dos direitos humanos é uma coisa que sempre foi assim, mas nunca foi assim. Foi a Organização das Nações Unidas que criou esse status com a Declaração Universal dos Direitos Humanos. E a Declaração foi uma articulação de democratas cristãos, social-democratas e liberais. Os comunistas que estavam na ONU não votaram, se abstiveram. Na votação da Declaração dos Direitos Humanos, a União Soviética e os seus associados se abstiveram de votar. Então, essa é outra questão fundamental que aconteceu no pós-Segunda Guerra.

A expansão da democracia, o aprofundamento da democracia nas chamadas democracias liberais, que ao perderem as colônias ganharam muito em democratização; a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que pela primeira vez foram colocados como um valor a ser defendido; e, nesse meio tempo, a falência da União Soviética. O apogeu da União Soviética e a Guerra Fria que se estabeleceu com os Estados Unidos nada mais foi do que o crepúsculo do declínio soviético, a prova de que aquele modelo totalitário não tinha condições de concorrer em um ambiente de equilíbrio e de paz.

Na Segunda Guerra, para derrotar um exército totalitário, violento e furioso como o de **(Adolf) Hitler**, os soviéticos tinham também um exército furioso – os soldados não podiam recuar porque eram fuzilados. E teve efeito: a batalha de Stalingrado foi uma batalha de titãs, todos eles totalitários, violentíssimos. Mas no desenvolvimento da paz armada, que foi a Guerra Fria, o capitalismo se mostrou muito mais ágil, muito mais capaz. E o planejamento estatal, burocratizado, fossilizado, da União Soviética não aguentou. A União Soviética não foi derrotada do ponto de vista militar. Ela caiu por si própria.

Apareceu um sujeito extraordinário, o **(Mikhail) Gorbachev**, comunista desde criancinha, um homem inteligente, um homem que tentou fazer reformas políticas e econômicas na direção de uma espécie de social-democracia, levando em conta o espírito de um povo que nunca conheceu a democracia. Gorbachev ia nessa direção. E o que motivou Gorbachev? A inteligência. Ele viu o que estava acontecendo, percebeu e se moveu nessa direção. Mas a burocracia partidária não acompanhou. Ele sofreu um golpe militar e foi preso – ele e a mulher. E achavam que iam ser fuzilados. Só não foram fuzilados porque **Boris Yeltsin**, um discípulo dele, tinha se autonomizado – Boris Yeltsin era um alcoólatra, um demagogo. Ele, percebendo que a União Soviética estava indo pro buraco, saiu do Partido Comunista, se lançou candidato a presidente autônomo e ganhou.

Então, Boris Yeltsin, nesse seu populismo corajoso, enfrentou o exército, enfrentou os golpistas, foi para a rua, fez o contragolpe e libertou Gorbachev. Mas disse: “Você foi libertado, mas quem manda agora sou eu”. Gorbachev virou refém dele. E Gorbachev queria fazer um movimento reformista. Ele queria, na verdade, caminhar para uma espécie de União Europeia, de Commonwealth, mantendo, inclusive, a Armênia, a Geórgia, a Lituânia, todos juntos. Ele queria civilizar e descolonizar a União Soviética, que era um império. Era a Rússia com as suas colônias, o Uzbequistão, o Cazaquistão... E Gorbachev queria descolonizar, mas manter uma espécie de comunidade, até para poder valorizar a negociação que ele queria fazer com os Estados Unidos e com a Europa.

Boris Yeltsin, não. “Pode sair todo mundo, vou refundar a Rússia e quem quiser que saia”. Eu assisti a um documentário... Depois do contragolpe, quando os golpistas foram derrubados, o Congresso do partido se reuniu com Gorbachev e Boris. E aí o Gorbachev vai tentar defender a posição dele.

O Boris diz: “Você está errado”, na frente de todo mundo. Praticamente demitiu Gorbachev na frente de todo mundo. Humilhou Gorbachev na frente de todo mundo.

E por que eu estou falando isso? Porque esse ambiente do pós-Segunda Guerra levou à descolonização. Acabou a África inglesa, acabou a África francesa, acabou a Indochina francesa, mas também implodiu o império soviético, suas colônias. Foi um movimento importante, resultado da Segunda Guerra. E o ambientalismo, uma nova cultura, estava emergindo nessa época, nos anos 1950, 1960. Era uma cultura de individualismo, cultura de liberdade, cultura de juventude confiante que veio com o movimento pacifista, com os hippies, com a revolução sexual, com a minissaia e o feminismo. O feminismo é a revolução de metade da humanidade. E havia a rejeição à energia nuclear. Era uma rejeição de dois tipos. Uma, porque achavam que a energia nuclear poderia emitir uma poluição venenosa; outra dos chamados pacifistas. Eram duas rejeições cruzadas.

E o ambientalismo, o ambientalismo político, surgiu nesse contexto de pacifismo, de feminismo, de revolução sexual, de rejeição à energia nuclear. E nesse ambiente de juventude. Esse movimento da juventude explodiu de uma forma magnífica na década de 1960. Era uma nova cultura. E foi nessa nova cultura que o ambientalismo político apareceu.

E eu escolhi quatro itens dessa nova cultura que, acho, foram muito importantes na consolidação do ambientalismo político.

O primeiro, um livro. Qual foi o livro mais importante, nessa segunda metade do século 20, para o ambientalismo político? Dizem os especialistas que foi a *Hipótese Gaia*, do (pesquisador e ambientalista britânico **James Lovelock**). Ele defendeu que a Terra é um ser vivo, que se equilibra, etc. Mas a maioria dos estudiosos diz que o livro mais importante do movimento

ambientalista nesse período, as décadas de 1950 e 1960, foi o livro (*Silent Spring*) da (cientista e ambientalista americana) **Rachel Carson**. Nascida em 1907, Raquel Carson era uma bióloga marinha, cientista, estudiosa, muito conceituada, e que mais ou menos na minha idade se voltou para a Terra, começou a estudar a Terra. E uma das coisas que ela estudou foi o uso que, naquela época, nos anos 1950, se dava de forma quase universal a alguns pesticidas, principalmente o DDT, considerado um “abre-te Sésamo” para botar ordem na natureza, essa natureza rebelde. O DDT veio para botar ordem na natureza e seus milhões de insetos, de besouros, de vermes, etc. O DDT matava tudo.

A Rachel estudou muito isso. Era uma mulher muito inteligente. Fez contatos, comparações. Escreveu um livro que saiu em fascículos no *The New York Times* e depois virou um livro que saiu em 1962, que se chama *Primavera Silenciosa*, no qual relata o estudo detalhado de como o DDT, com sua eficácia maligna e total, destruía completamente a vida na Terra. E a conclusão dela era que, com o desaparecimento dos insetos, haveria o desaparecimento da cadeia alimentar, as aves. E aí, quando chegar a primavera, quando ocorre aquela explosão de vida, de flores e tudo, vocês não vão ver os pássaros cantarem porque os pássaros terão morrido envenenados pelos insetos envenenados que eles comeram.

E aconteceu uma verdadeira guerra mundial, pelo menos uma guerra americana, em relação a ela. As empresas poderosíssimas que fabricavam o DDT contrataram cientistas para rebater, para contra-argumentar, e virou uma questão nacional. E ela sustentou a tese de uma forma muito bravíssima, embora estivesse no final da vida, com câncer – morreu em 1964, mas morreu vitoriosa, porque a tese dela foi comprovada.

A Suíça foi o primeiro país do mundo a proibir o uso de DDT, em 1962, ano que o livro dela foi publicado, depois de sair em fascículos no jornal.



E os próprios Estados Unidos, em 1972, proibiram também, dez anos depois da morte dela. E foi desse debate que os Estados Unidos criaram a EPA (*Environmental Protection Agency, Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos*), em 1970, que é uma espécie de Ministério do Meio Ambiente dos Estados Unidos. Nasceu em decorrência desse debate da Rachel Carson. E foi depois dessa polêmica toda que o (então presidente americano) **Jimmy Carter** deu a ela, postumamente, em 1980, a Medalha Presidencial da Liberdade (*concedida pelo presidente americano em reconhecimento àqueles que deram contribuição meritória à segurança ou interesses nacionais do país, à paz mundial, cultural ou outras importantes iniciativas públicas e privadas*). Então, Primavera silenciosa é um livro que é um marco na mudança da consciência ambiental americana e mundial.

O segundo desses quatro itens é o Clube de Roma (*organização não-governamental criada em 1968 pelo empresário italiano **Aurelio Peccei** e pelo cientista escocês **Alexander King** para estudar os limites do crescimento e promover soluções para os desafios socioambientais que a humanidade ainda enfrenta*). O Clube de Roma foi fundado na Suíça, por intelectuais, industriais, cientistas e políticos que se reuniram, em plena agitação de 1968, para discutir o futuro do planeta, o futuro da humanidade, o futuro da Terra.

Eles contrataram o MIT (*Massachusetts Institute of Technology*), que é o Instituto Tecnológico de Massachussets, criado em 1861 e que foi um dos impulsionadores do desenvolvimento tecnológico americano. É uma universidade muito conceituada. Nesses *rankings* de faculdades ela nunca sai dos dez primeiros. Pois bem, o Clube de

Roma contratou o MIT para fazer um estudo dos limites do crescimento. O MIT fez o estudo, que foi lançado pelo Clube de Roma em 1972, abordando os itens de energia, saneamento, população, saúde, poluição, tecnologia, desenvolvimento. Esse documento do MIT foi traduzido para 30 idiomas e foram vendidos 30 milhões de exemplares. É, provavelmente, o livro sobre meio ambiente mais vendido na história. Eu quero citar aqui algumas pessoas que frequentaram o tal do Clube de Roma: nosso ex-presidente **Fernando Henrique Cardoso**, o sociólogo **Hélio Jaguaribe**, o advogado e educador **Cândido Mendes**, o rei **Juan Carlos I** da Espanha, a rainha **Beatriz** da Holanda, o escritor e primeiro presidente da República Checa **Václav Havel**, Mikhail Gorbachev - até nisso ele se meteu... era um reformista completo.

Esse relatório do MIT foi motivo de grande escândalo. Porque ele concluía que, ao contrário do que o capitalismo e seu irmão de DNA, o socialismo, defendiam, o desenvolvimento não pode ser infinito. Porque a questão do desenvolvimento a qualquer custo é que a Terra tinha recursos finitos e eram de quem chegasse primeiro, de quem tivesse mais capacidade de absorvê-los, de transformá-los, de vendê-los, de possuí-los. O relatório apontava que poderiam faltar recursos se não houvesse precaução. E os integrantes do Clube de Roma e do MIT foram imediatamente acusados, tanto por capitalistas quanto por socialistas, de serem neomalthusianos (*adeptos do conceito criado no século 18 pelo demógrafo e economista inglês Thomas Malthus, segundo o qual o descompasso entre os crescimentos da população e da produção de alimentos condenariam o mundo à pobreza generalizada; a Teoria Neomalthusiana evoluiu para a ideia de que o intenso crescimento populacional era o responsável pelo avanço da fome, da pobreza e da criminalidade e defendia o controle populacional por meio da adoção de políticas de*

*planejamento familiar e da utilização de métodos contraceptivos*). Portanto, eram reacionários que não acreditavam no progresso, na capacidade humana de desenvolvimento.

Muitas das previsões que estão nesse relatório do MIT não se concretizaram no tempo, mas como tendência têm se comprovado como razoáveis. Esse documento também é uma espécie de experiência fundadora do ambientalismo moderno. E vindo de quem? Do MIT. Extremamente elitizado do ponto de vista intelectual.

O terceiro item que eu quero abordar aqui, ainda na segunda metade do século 20, é o protagonismo da ONU. Existe um esporte mundial de bater na ONU. Eu sou totalmente pró-ONU. É a instância de governabilidade que sucedeu a Liga das Nações, que fracassou. A gente pode querer melhorá-la, mas nunca abandoná-la. Não se reconhecem os êxitos que a ONU teve. Nesta segunda metade do século 20, em conferências da ONU foram discutidas todas as pautas mundiais importantes.

A questão, por exemplo, da importância da atenção básica à saúde foi tratada em Alma-Ata, no Cazaquistão, em 1978 (*o documento final da Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde, realizada pela Organização Mundial da Saúde, expressou a necessidade de ação urgente de todos os governos, de todos os que trabalham nos campos da saúde e do desenvolvimento e da comunidade mundial para promover a saúde de todos os povos do mundo*). Também foi discutida na ONU a questão da habitação, da saúde da mulher, dos direitos humanos... e a ONU é a protagonista máxima na questão ambiental.

Em 1972, a ONU convocou a primeira conferência da história da humanidade para discutir o meio ambiente. Foi na Suécia, em Estocolmo. Uma conferência mundial para discutir a governabilidade e a questão dos recursos ambientais. Em 1983, a ONU criou a Comissão Mundial sobre Meio

Ambiente e Desenvolvimento, formada por ex-presidentes, cientistas e técnicos. Essa comissão foi coordenada pela ex-primeira-ministra da Noruega, **Gro Harlem Brundtland**. O relatório final dessa comissão teve papel fundamental na conscientização ambiental mundial. E lançou o conceito da sustentabilidade. Isso é fundamental porque alguém poderia pensar que, na medida em que a economia conduziu tanto o capitalismo quanto o socialismo, o ambientalismo agora poderia conduzir o processo de vida da humanidade. Não. O que o relatório definiu é que não deve haver ditadura verde. Deve haver um equilíbrio entre o econômico, o social e o ambiental. Mas como é possível? Claro que é. É difícil, mas é necessário equilibrar esses três elementos - e isso é a tal da sustentabilidade. Isso foi praticamente inventado por esse grupo de trabalho que a ONU criou em 1983. A sustentabilidade é um produto desse grupo de trabalho. E o relatório foi apresentado ao mundo onde? No Rio de Janeiro, na Eco 92, que foi a segunda Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, que reuniu um grande número de autoridades máximas de países - ditadores, primeiros-ministros, reis, rainhas, presidentes, etc. Nenhuma outra das conferências da ONU atingiu um número tão universal de dirigentes máximos de países como a Eco 92. Talvez atraídos pela beleza do Rio de Janeiro, claro, né? Todo mundo queria conhecer o Rio de Janeiro - rei e rainha também são gente. Então, veio todo mundo.

E foi nessa Eco 92 que o conceito da sustentabilidade foi apresentado. Como um modelo a ser seguido pelos países. E aí, mais importante ainda, também foi na Eco 92 que algo que vinha sendo discutido pelos cientistas já desde o começo do século 20, que era a suspeita de que alguma coisa estava mudando a atmosfera e a temperatura média da Terra. Que tem variações glaciais, macro glaciais,



mas tem uma lógica. E o que estava acontecendo, segundo o que os cientistas percebiam desde o começo do século, é que estava havendo um aumento linear da temperatura.

E eles situavam isso, coincidentemente, com o estouro da capacidade energética da Revolução Industrial, quando descobrimos que havia energia solar acumulada há milhões de anos debaixo da Terra, o carvão, e depois, milagre, o carvão líquido, que é o petróleo. E essa foi uma injeção energética que deu a condição para o desenvolvimento industrial ter o estouro que teve, porque a energia irriga as artérias da economia. E a gente descobriu uma fonte de energia que é o Sol. Porque o carvão é o sol, o petróleo é o sol, que pela fotossíntese foi acumulado lá no fundo. E a gente libera. Ao liberar esse sol acumulado no carvão e no petróleo, a gente libera também alguns gases que afetam a composição da atmosfera. Afeta em um limite milimétrico, mas o problema é que a atmosfera é um relógio suíço. Você imagina uma fábrica de relógio suíço e o relógio começa a atrasar 0,001 segundo. O que acontece?

O carvão e o petróleo mudam milimetricamente a atmosfera, mas é o suficiente para você quebrar o equilíbrio de temperatura que mantém essa riqueza

de biomas que a Terra tem. Então, essa suspeita dos cientistas foi se confirmando, foi se encorpando ao longo de todo o século 20. O primeiro governo que teve acesso aos estudos foi o dos Estados Unidos. O **Richard Nixon**, inclusive. O governo americano, antes que a ONU anunciasse que isso estava acontecendo, já tinha esses estudos de aquecimento global, de transformação, que isso podia destruir os biomas na Terra. Mas quem apresentou uma evidência forte foi mesmo a ONU, em 1992.

E é claro que, quando isso foi anunciado, muita gente não acreditou, principalmente quem se beneficiava da indústria do carvão e do petróleo, produtos que são os principais emissores. Há outras fontes de emissão, mas carvão e petróleo são as principais. Isso demorou a ser aceito. Mas nos anos seguintes o aquecimento global foi se comprovando e a persistência da ONU ao realizar as COPs, em avaliar os desdobramentos, é que está levando a essa governabilidade mundial de hoje, com o Acordo de Paris, que foi o mais avançado que a gente chegou a definir.

Então, esse é um resumo da segunda metade do século 20. A Raquel Carlson e a *Primavera silenciosa*, o Clube de Roma e o protagonismo da ONU chegando até a Eco 92, com o conceito da sustentabilidade proposto e depois com a evidência de que a questão climática deve unir a humanidade de forma realmente supraclássica, supranacional, porque não é um problema local, é global, que só se resolve de forma global. O que é, de certa forma, um esboço de governabilidade mundial, porque se o Paraguai e o Brasil não falam, não adianta o Paraguai e o Brasil fazerem. Não adianta. O jogo criado por Hitler, da Alemanha grande, Alemanha primeiro, que outros aventureiros da esquerda e de direita de vez em quando retomam porque é demagógico e ganha votos, não resolve a questão climática. A questão climática é mundial, é global, exige uma articulação global, exige uma governabilidade global, exige

um mínimo de solidariedade global entre a China, os Estados Unidos, a União Soviética, o Brasil, o Paraguai e o Uruguai.

Do ponto de vista político, político no sentido estrito, partidário, o Partido Verde, primeiro lá na Austrália, depois na Alemanha, na Suécia, foi o primeiro, criado já no final da década de 1970. Mas, na verdade, o ambientalismo está além dessa vida política. Está na atividade empresarial, está na integridade das entidades, está nas igrejas, está em todo canto. Hoje é uma espécie de paradigma que veio para reorganizar a forma como a gente vive. Precisa de algum partido político? Precisa, é até bom que tenha um partido que diga que essa é a causa principal dele, mas os outros partidos tem que se juntar a esta causa porque a educação, a saúde, o saneamento... Nada mais vai ser como antes se não incorporarmos a dimensão ambiental. E aí eu pergunto: um movimento desse tipo é um movimento de direita, de esquerda ou de centro? É um movimento conservador, liberal, reformista ou revolucionário? Porque até hoje os jornalistas e a opinião pública não chegaram a uma conclusão em relação a isso. Eu, de propósito, falei sobre vários pontos que, na verdade, são movimentos conservadores. Se quisermos chamar o movimento ambientalista de conservador, há muitas pistas para isto. Está cheio de pistas. Mas isso é suficiente para classificar?



**Luiz Alberto Machado** - Uma questão que eu sempre coloquei: se não for sustentável, não é desenvolvimento. Se você está promovendo o desenvolvimento sem sustentabilidade, está complicando a vida das pessoas.

**Eduardo Jorge** - É, mas você está contradizendo tudo o que foi dito nos últimos 300 anos, que é o desenvolvimento a qualquer custo, desenvolvimento na base do passo de ganso, desenvolvimento a ferro e fogo, desenvolvimento a *manu militari*, desenvolvimento de direita, de esquerda - todos eles dizem o seguinte: toca o pau que o mundo é grande, o mundo aguenta. O seu raciocínio é altamente inovador.

**Luiz Alberto Machado** - Na teoria econômica surgiu, na segunda metade do século 20, a diferença entre crescimento, que era a qualquer custo e era só quantitativo, e desenvolvimento, que não podia ser só econômico. Por isso eu digo que falar em desenvolvimento sustentável é reforçar uma ideia que já existe. A substituição de crescimento econômico pelo desenvolvimento inclui a preocupação com o ambientalismo. Pelo menos essa é a minha interpretação.

**Eduardo Jorge** - Mas entenda que não se pensava assim no final do século 19. Desenvolvimento era sinônimo.



**Rogério Schmitt** - Me parece que é preciso diferenciar o movimento ambientalista da sua vertente político-partidária, que são os partidos verdes. Os partidos verdes, empiricamente, são considerados, pelo menos na análise política, no campo da esquerda, no sentido amplo, mas o movimento ambientalista, que é algo muito maior, eu tendo a dizer que ultrapassa esta definição.

**Eduardo Jorge** - Esse partido verde de esquerda está sendo burro, porque está se circunscrevendo a um nicho. Poderia ter uma amplitude de apoio muito maior.

**Rogério Schmitt** - E não é à toa que a agenda ambientalista foi incorporada por um monte de políticos e organizações que estão fora desse campo.



**Rubens Figueiredo** - Os governos mais à esquerda politizam mais a questão do meio

ambiente. Isso, de certa maneira, pode atrapalhar o movimento ambientalista como um todo. Ao politizar o que deveria ser uma questão universal, como o direito à vida, o direito à opinião. Veja o governo do Fernando Henrique Cardoso e o governo do Lula, quem politiza. O PT está governando desde 2003, a situação não está boa, e o discurso deles é como se a culpa fosse do capitalismo em geral.

**Eduardo Jorge** - Vamos analisar de forma histórica. Qual é o capital ambiental que a União Soviética teve nos 70 anos em que governou um país gigantesco como aquele? Qual foi o comportamento ambiental? Teve alguma diferença em relação ao que aconteceu nos Estados Unidos? Não, zero, nenhuma. Ou a China hoje? Porque, do ponto de vista histórico, parece que o século 20 foi apagado, sumiu do mapa. Vamos ver o que era o governo da pátria do socialismo, da revolução paradigmática, que foi a Revolução Russa, que governou um país gigantesco daquele durante 70 anos. O aspecto ambiental.

**Rubens Figueiredo** - Sim, mas não tinha outro lado.

**Eduardo Jorge** - Eu quero chegar nessa questão primeiro. Vamos comparar a situação das duas Alemanhas derrotadas, ocidental e oriental, depois de 20, 30 anos. Qual era, do ponto de vista ambiental, a situação da Alemanha Ocidental, que foi arrasada, bombardeada e destruída, e da Alemanha Oriental? A Alemanha Oriental era uma sucata. Foi entregue para Alemanha Ocidental como uma sucata podre e envenenada. E a

Alemanha Oriental era o principal país socialista do bloco soviético. Uma sucata. Isso é História. Corta e chegamos ao debate da União Soviética, que ficou sem pai nem mãe. Sem pai, sem mãe e sem causa. E passou a fagocitar causas. E vamos incorporar aqui. E vamos dar um caráter anticapitalista e ganhar voto. Ninguém despreza voto. Então, isso vale. Agora, você precisa ver a experiência histórica. Os socialistas, revolucionários, comunistas, etc., governaram durante o século 20 pelo menos um terço do planeta. E nesse governo em um terço do planeta, não houve nenhuma preocupação ambiental. Eu considero isso oportunismo político, inclusive da imprensa, que dá crédito a esse oportunismo político e não vê que o principal é quando você tem poder. Quando você está somente no parlamento falando é uma coisa. Quando você tem poder, isso mostra o seu caráter. E como foi que o comunismo se comportou? Não se comportou de forma diferente do capitalismo. Foi igual. Estão empatados. Nesse aspecto, estão empatados.

Mas há uma coisa muito importante, que é outra sequela dessa forma de pensar. Eu fui na Universidade de São Paulo, outro dia, fazer uma palestra. Depois fui pegar o ônibus para o metrô. Então, os bancos lá da USP estavam cheios de cartazes. "Para salvar o planeta da emergência climática é preciso destruir o capitalismo". Os estudantes sentam em cima daquilo ali todo dia. Como assim? Mas isso é uma política burra porque a questão ambiental não é classista, é da humanidade. Você tem que, de alguma forma, ter capacidade de mobilizar desde os socialistas até os capitalistas na direção de uma nova forma de usar os recursos. Isso é contra a causa ambiental.



<p>Presidente <b>Alfredo Cotait Neto</b></p> <p>Coordenador Nacional de Formação Política <b>Raimundo Colombo</b></p> <p>Coordenador Nacional de Relações Institucionais <b>Vilmar Rocha</b></p> <p>Secretária <b>Ivani Boscolo</b></p> <p>Diretor Superintendente <b>João Francisco Aprá</b></p>	<p><b>Conselho Consultivo</b></p> <p>Presidente <b>Guilherme Afif Domingos</b></p> <p>Conselheiros <b>Alda Marco Antonio</b> <b>André de Paula</b> <b>Eduardo Pimentel</b> <b>Omar Aziz</b> <b>Otto Alencar</b> <b>Rafael Greca</b> <b>Ricardo Patah</b></p>	<p><b>Conselho Superior de Orientação</b></p> <p>Presidente <b>Gilberto Kassab</b></p> <p>Conselheiros <b>Antonio Brito</b> <b>Carlos Massa Ratinho Junior</b> <b>Eduardo Braide</b> <b>Eduardo Cavaliere</b> <b>Eduardo Paes</b> <b>Guilherme Campos</b> <b>Letícia Boll Vargas</b> <b>Samuel Hanan</b> <b>Topazio Silveira Neto</b></p>
---	--	---



**[www.espacodemocratico.org.br](http://www.espacodemocratico.org.br)**